



RELISE

FATORES DE IMPACTO PARA SOBREVIVÊNCIA DE MICRO E PEQUENAS EMPRESAS (MPES)¹

Pedro Vieira Souza Santos²

Nyegge Vitória Martins de Lima³

RESUMO:

O presente artigo teve como finalidade apresentar, por meio de uma pesquisa qualitativa e quantitativa, os fatores de impacto para sobrevivência das micro e pequenas empresas, as quais possuem papel fundamental no cenário econômico do Brasil, sendo importante contribuinte do desenvolvimento de sustentabilidade e empreendedorismo. Foram apontados fatores influenciadores da sobrevivência, a imposição das grandes empresas e negócios, limitações do mercado de atuação, dificuldades e limitações na captação de recursos financeiros, gestão do capital de giro e a alta carga tributária. As MPES na economia alcançaram quase 99% da totalidade de negócios. Outro fato notado é que aproximadamente 52% dos registros de postos de trabalho com carteira assinada são em MPES. A pesquisa ainda buscou esclarecer definições para essas empresas, gestão empresarial, estratégia e embasamento sobre a participação dessas na economia. Obtendo como resultado, o perfil, as perspectivas, limitações enfrentadas e estudos complementares sobre a sobrevivência das MPES no mercado.

Palavras-chave: Sustentabilidade de empreendimentos; Micro e pequenas empresas; Negócios.

ABSTRACT

The purpose of this article was to present, through qualitative and quantitative research, the impact factors for the survival of micro and small enterprises, which play a fundamental role in the Brazilian economic scenario, being an important contributor to the development of sustainability and entrepreneurship. The influence factors of survival, the imposition of large companies and businesses, limitations of the market of operations, difficulties and limitations in the capture of financial resources, management of working capital and the high tax burden were pointed out. MSEs in the economy reached almost 99% of total

¹ Recebido em 12/01/2018.

² Universidade Federal do Vale do São Francisco. pedrovieirass@hotmail.com

³ Universidade Federal do Vale do São Francisco. martinsnyegge@hotmail.com

Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo, v. 3, n. 5, p. 54-77, set-out, 2018

ISSN: 2448-2889



RELISE

business. Another fact that is noticed is that approximately 52% of the records of jobs with a formal contract are in MSEs. The research also sought to clarify definitions for these companies, business management, strategy and basis on their participation in the economy. As a result, the profile, the perspectives, limitations faced and complementary studies on the survival of MPEs in the market.

Key words: Entrepreneurial sustainability, Micro and small business; Business.

INTRODUÇÃO

Tendo em vista o crescente número de Micro e Pequenas Empresas (MPEs) que se estabelecem no mercado, o tema gestão é automaticamente necessário para fomento a discussão sobre sustentabilidade destes negócios. Nesse sentido, pesquisas apontam que os empreendimentos tendem a enfrentar alguns desafios que afetam o desenvolvimento da organização. Logo, para garantir o bom andamento dos negócios, os problemas detectados devem ser sanados a tempo, caso contrário, pode, diretamente, levar à mortalidade do negócio (SEBRAE, 2016).

De acordo com a Lei Complementar nº 123, instituída em 14 de dezembro de 2006, consideram-se microempresas ou empresas de pequeno porte, a sociedade empresária, a sociedade simples e/ou a empresa individual de responsabilidade limitada que esteja devidamente registrado no Registro de Empresas Mercantis ou no Registro Civil de Pessoas Jurídicas, conforme o caso. Para a lei, considera-se, no caso da microempresa, o negócio que em cada ano-calendário, tenha receita bruta igual ou inferior a R\$ 360.000,00; e no caso de empresa de pequeno porte, aufera, em cada ano-calendário, receita bruta superior a R\$ 360.000, e igual ou inferior a R\$ 4.800.000,00.

As MPEs possuem papel fundamental no cenário econômico do Brasil, sendo importante contribuinte do desenvolvimento social do país. A nível Nacional, participam, de forma crescente, na economia, chegando a alcançar 99% da totalidade de empresas. Outro fato relevante trata-se da grande



RELISE

56

quantidade de postos de trabalho disponibilizados por estas, representando aproximadamente 52% dos postos de trabalho com carteira assinada, sendo assim, grande geradora de renda (SEBRAE, 2016).

Assim, diante da representatividade deste segmento, discutir a sustentabilidade e debater as causas de sucesso e mortalidade das MPEs se faz necessário. Quando se trata do fechamento destas, de acordo com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE (2011), tem-se um fenômeno considerado difícil de mensurar, pois está ligado a fatores diversos.

Para Nascimento *et al.* (2013), apesar da importância identificada das MPE para com a economia do país, assim como para o desenvolvimento regional, verifica-se elevados índices de mortalidade precoce de MPEs gerados por vários fatores. De acordo com Mahamid (2012) tais fatores podem ser: a imposição das grandes empresas e negócios, limitações do mercado de atuação, dificuldades e limitações na captação de recursos financeiros, gestão do capital de giro e a alta carga tributária.

Nesse sentido, é explícita a relevância das MPEs no contexto nacional, entretanto, pesquisas apontam que, apesar do número de MPEs abertas nos últimos anos tenha crescido, o índice de mortalidade para este setor também tem se elevado, principalmente no estágio inicial do negócio (GEM, 2015).

Diante disso, o presente trabalho teve por objetivo caracterizar e identificar, a partir de dados secundários, as principais causas que contribuem para desenvolvimento e também falência de Micro e Pequenas Empresas no Brasil. Os dados foram fornecidos pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e fazem parte de pesquisa que traçou o perfil das MPEs. Foram 10.284 entrevistas realizadas entre os dias 18/04 e 03/07/2017 com margem de erro de +/- 1%, tendo como critério de ponderação a base de empresas por UF, porte e regime tributário.



RELISE

57

REFERENCIAL TEÓRICO

Micro e pequenas empresas

Para definir se é uma MPE quanto ao tamanho é preciso levar em consideração o critério que será adotado. O porte de uma empresa é um aspecto significativo que pode diferenciá-la uma das outras. Podem ser classificadas de duas formas, pela quantidade de pessoal ocupado e pela receita auferida. Estas empresas devem ser regularizadas diante do poder público, por meio do Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas (CNPJ) ou por outros registros oficiais como DAP, NIRF, Inscrição estadual, ou a Carteira Nacional de Artesão.

Segundo o Brasil (2015), pela Lei nº 9.317/96, os enquadramentos dos pequenos empreendimentos são feitos pela receita bruta referente ao ano anterior. As Microempresas são sociedades ou firmas com a receita bruta anual de até R\$120.000,00, e as Empresas de Pequeno Porte, serão sociedades ou firmas individuais com a receita bruta anual superior a R\$120.000,00, e igual ou inferior a R\$1.200.000,00.

Por números de pessoas ocupadas na empresa são classificadas como microempresas aquelas nas atividades de serviços e comércio com até 9 pessoas ocupadas, e como pequena empresa as que tinham entre 10 e 49 pessoas ocupadas; na atividade industrial, são microempresas aquelas com até 19 pessoas ocupadas, e pequenas empresas entre 20 e 99 pessoas ocupadas. (SEBRAE. 2014, p.22)

Conjuntura Econômica

As MPEs têm fundamental relevância na economia brasileira, além de representarem a maioria de todos os negócios do país e são responsáveis por uma grande parcela do faturamento de todas as empresas Brasil e contratam



RELISE

58

mais da metade da mão de obra formal. Com esse nível de participação na economia brasileira, os micro e pequenos empreendedores são, de fato, os maiores responsáveis por garantir emprego e renda no Brasil. De acordo com estudos do SEBRAE (2016), as micro e pequenas empresas são responsáveis por 98,5% dos empreendimentos brasileiros.

Em relação a participação das MPEs na Economia Brasileira no mesmo estudo realizado pelo SEBRAE (2014, p.6), foi identificado que:

As Micro e Pequenas Empresas já são as principais geradoras de riqueza no comércio no Brasil (53,4% do PIB deste setor). No PIB da indústria, a participação das micro e pequenas (22,5%) já se aproxima das médias empresas (24,5%). E no setor de Serviços, mais de um terço da produção nacional (36,3%) têm origem nos pequenos negócios.

Ao visualizar os últimos dados anuais divulgados pelo SEBRAE (2014, 2015, 2016), em 2015 as micro e pequenas empresas representaram para a economia cerca de 98,2% dos estabelecimentos privados existentes no Brasil e foram responsáveis por 51,2% da remuneração paga aos empregados formais. Em 2011, estes tipos de negócios representaram 27% do PIB do brasileiro, em valores absolutos isto significa R\$ 599 bilhões. Além do mais, percebe-se que em 2014 os pequenos negócios representaram 59,4% das empresas exportadoras no Brasil, sendo responsáveis pelo valor total de exportações de US\$ 2 bilhões.



RELISE

59

Figura 01: Estatística dos Pequenos Negócios.

PARTICIPAÇÃO DOS PEQUENOS NEGÓCIOS NO(A):	ANO	PARTICIPAÇÃO (%)	FONTE
PIB brasileiro	2011	27,0	SEBRAE/FGV
Número de empresas exportadoras	2014	59,4	FUNCEX
Valor das exportações	2014	0,82	FUNCEX
Massa de salários das empresas	2013	41,4	RAIS
Total de empregos com carteira	2014	51,2	RAIS
Total de empresas privadas	2015	98,2	SEBRAE
OUTROS DADOS SOBRE OS PEQUENOS NEGÓCIOS	ANO	TOTAL	FONTE
Quantidade de produtores rurais	2015	4,7 milhões	PNAD CONTÍNUA
Potenciais empresários com negócio	2015	11,6 milhões	PNAD CONTÍNUA
Empregados com carteira assinada	2014	19,8 milhões	RAIS
Remuneração média real nas MPE	2013	R\$ 1.485,00	RAIS
Massa de salário real dos empregados nas MPE	2013	R\$ 24,4 bilhões	RAIS
Número de empresas exportadoras	2013	10,9 mil	FUNCEX
Valor total das exportações (US\$ bi FOB)	2014	US\$ 2 bilhões	FUNCEX
Valor médio exportado (US\$ mil FOB)	2014	US\$ 179,4 mil	FUNCEX

Fonte: SEBRAE (2016).

Alguns dados da pesquisa de Participação das Micro e Pequenas Empresas na Economia Brasileira publicada no ano de 2015, mostram que as MPEs respondem por, em média, 27% do PIB brasileiro. No entanto, esse percentual varia em função de características locais dos negócios. No Sul e no Centro-Oeste essas empresas contribuem com 32,9% e 31,3% respectivamente, enquanto Nordeste e Sudeste contam com participação menor: 26,3% e 25,7% respectivamente.

São dados sólidos que comprovam a importância estratégica das MPE para a geração de renda e qualidade de vida das pessoas, bem como para o crescimento econômico e o desenvolvimento sustentável de toda a sociedade do país.

Gestão empresarial

Gestão empresarial compreende diversas ações e estratégias que são direcionadas à um negócio, orientada por uma política de valores com capacidade para planejar, gerir e alocar da melhor forma seus recursos



RELISE

financeiros, humanos e de estrutura. Vista como a administração das empresas.

Como forma de destacar a relevância de uma adequada gestão, Chiavenato (2009, p. 7), diz que:

A administração é o processo de planejar, organizar, dirigir e controlar o uso dos recursos e de competências organizacionais, para alcançar determinados objetivos, de maneira eficiente e eficaz através de um arranjo integrado e convergente.

Os recursos que são geridos formam um ciclo administrativo, são essenciais para que seja atingida a eficiência e a eficácia da organização. Faz-se necessários que aja um planejamento adequado de forma estratégica para atingir o objetivo, ou seja, organizar de forma a obter o controle e a direção dos recursos disponíveis e prever situações de risco. Essas estratégias são de fundamental importância para o sucesso do negócio.

Lobato, assegura que a definição de estratégia, bem como a sua aplicabilidade nas atividades organizacionais é uma questão fundamental que os pensadores do campo da gestão empresarial buscam responder (LOBATO, 2009).

HUNGER (2002, p.4), considera gestão estratégica:

O conjunto de decisões e ações estratégicas que determinam o desempenho de uma corporação a longo prazo. Esse tipo de gestão inclui análise profunda dos ambientes interno e externo, formulação da estratégia (planejamento estratégico ou de longo prazo), implementação da estratégia, avaliação e controle.

A Gestão Estratégica consiste em três elementos básicos: (1) análise sistemática do ambiente, (2) formulação da estratégia e (3) implementação da estratégia. A gerência faz uma análise sistemática tanto do ambiente externo, buscando oportunidades e ameaças, quanto do interno, buscando forças e fraquezas. Os fatores a seguir, os mais importantes para o futuro da corporação, são chamados de fatores estratégicos: forças, fraquezas, oportunidades e ameaças (SWOT). (HUNGER, 2002, p.9)



RELISE

61

A SWOT é uma ferramenta de gestão amplamente utilizada nas empresas para a definição da estratégia. Também é utilizada para identificar os pontos fortes e fracos de uma organização, assim como as oportunidades e ameaças às quais a mesma está exposta. A análise da matriz SWOT permite definir com mais precisão a posição atual da empresa contratante e prognosticar o futuro, visando as oportunidades e precavendo as ameaças.

Dentro de um conjunto de estratégias cabe avaliar e ponderar a interação entre os ambientes interno e externo, traçando objetivos de curto, médio e longo prazo. Nesse processo, o monitoramento sistemático é imprescindível para que as empresas se mantenham focadas no cumprimento da missão da empresa e no alcance dos objetivos pré-determinados no planejamento estratégico (RIBEIRO, 2016).

Apesar das MPEs terem participação significativa na economia e uma posição de destaque no desenvolvimento do país, ainda sofrem com alguns aspectos que decorrem de planejamento e gestão.

Drucker (1992) afirma que o tamanho de uma organização não modifica a natureza de uma empresa ou os princípios de sua administração, mas afeta a estrutura administrativa. Assim, os diferentes tipos de organização enfrentam limites que se tornam desafios colocados aos gestores, com os quais obrigatoriamente deverão aprender a lidar. Para Nakamura (2000), a gestão de pequenas empresas é fruto de suas características, que segundo o autor são: personalidade, informalidade e administração não profissional.

A estrutura das MPEs exige uma gestão que se adeque às suas obrigações, objetivos e recursos que impactam de forma significativa no desempenho e lucro. Essa gestão é um grande desafio para a maioria das empresas, visto que para Bortoli Neto (2005), a maioria dos problemas das MPEs explica-se pela falta de capacidade gerencial.



RELISE

62

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Em relação aos aspectos metodológicos, o presente trabalho caracteriza-se como sendo uma abordagem qualitativa, onde os autores fazem observações e discutem evidências. De acordo com Gil (1999), a aplicação desse tipo de abordagem proporciona o aprofundamento da investigação em curso de questões associadas ao tema em estudo e suas relações. Denzin e Lincoln (2000, p.1) apontam que a pesquisa qualitativa envolve “ [...] uma abordagem interpretativa e naturalista de seu objeto de estudo. Isso significa que pesquisadores qualitativos estudam coisas em seu cenário natural, buscando compreender e interpretar o fenômeno em termos de quais os significados que as pessoas atribuem a ele. ”

Além disso, a pesquisa, ao utilizar e estratificar dados estatísticos, classifica-se como sendo também quantitativa.

Fonseca (2002, p. 20) esclarece que a pesquisa quantitativa:

Diferentemente da pesquisa qualitativa, os resultados da pesquisa quantitativa podem ser quantificados. Como as amostras geralmente são grandes e consideradas representativas da população, os resultados são tomados como se constituíssem um retrato real de toda a população alvo da pesquisa. A pesquisa quantitativa se centra na objetividade. Influenciada pelo positivismo, considera que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutros. A pesquisa quantitativa recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis, etc. A utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente (FONSECA, 2002, p. 20).

Quanto ao método utilizado, o mesmo foi do tipo *survey*, onde, os pesquisadores geralmente avaliam amostra significativa do problema abordado na investigação com o intuito de extrair considerações sobre a própria amostra (MIGUEL; FLEURY; MELLO, 2012). Além disso, para cumprimento dos objetivos deste trabalho, e, onde espera-se ter maior familiaridade com o tema proposto, o estudo utiliza-se da pesquisa descritiva e exploratória.



RELISE

Segundo Silva e Menezes (2000, p.21), “a pesquisa descritiva visa descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. [...] Assume, em geral, a forma de levantamento.” Por outro lado, na pesquisa exploratória, para Aaker, Kumar e Day (2004), costuma envolver uma abordagem qualitativa, tal como o uso de grupos de discussão; geralmente, caracteriza-se pela ausência de hipóteses, ou hipóteses pouco definidas.

Ademais, a pesquisa baseou-se em dados do tipo secundário, que, na ótica de Malhotra (2006) são aqueles que foram coletados anteriormente para atingimento de outros objetivos e/ou problemas pautados, tornando-se interessantes pelo fato de serem de fácil acesso e rápida obtenção. Os dados foram dispostos pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e fazem parte do estudo sobre perfil das MPEs, publicada em julho de 2017.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As chamadas Micro e Pequenas Empresas (MPEs) possuem papel significativo para a economia do Brasil. Estas são agentes econômicos importantes e flexíveis, que tem a capacidade de proporcionar dinamismo ao mercado em que atuam. Além disso, representam vantagens relevantes, do ponto de vista socioeconômico, para o país.

De acordo com dados disponibilizados pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), as MPEs são responsáveis por 98,5% dos empreendimentos no país, com uma participação de 27% no Produto Interno Bruto (PIB). Logo, com tamanha parcela na participação na economia brasileira, os micro e pequenos empreendedores são os responsáveis por gerarem emprego e renda no Brasil. Fato confirmado pelos dados do Ministério do Trabalho, que revelam que as microempresas nacionais



RELISE

64

foram responsáveis pela abertura de 327 mil vagas formais de empregos entre janeiro e agosto de 2017.

Perspectivas

O favorecimento à atuação das MPEs tem perspectiva positiva. De acordo com o Ministério do Trabalho, a partir de 2018, o microempreendedor individual (MEI) sofrerá mudanças no teto anual de faturamento. Tal limite passará dos atuais R\$ 60 mil para R\$ 81 mil. Além disso, haverá a ampliação do prazo de parcelamento de dívidas tributárias de MPEs de 60 para 120 meses.

Atualmente, o Brasil conta com cerca de 12 milhões de micro negócios, sendo a maior parte deles do segmento de comércio (43%), seguido do ramo de serviços (37%). Tendo em vista o crescente aumento no número de empreendimentos contínuos, as perspectivas são otimistas quanto à participação desses negócios no cenário econômico social do país.

Segundo pesquisa trimestral do SEBRAE (publicada no portal Brasil Econômico), feita durante os meses de julho a setembro do ano de 2017, a maioria das MPEs pretendem manter ou aumentar o quadro de colaboradores nos próximos meses. Segundo a Sondagem Conjuntural dos Pequenos Negócios, 60% dos empresários desse segmento que têm funcionários dizem que não esperam demitir ninguém nos próximos 12 meses e 25% deles afirmam que deverão realizar novas contratações neste período. Entende-se então que estes dados apontam uma tendência de recuperação para 2018.

O SEBRAE estima que até o ano de 2022, o Brasil terá cerca de 17,7 milhões de pequenos negócios, o que representa mais de um milhão de novos empreendimentos anuais. Esse valor é 43% superior ao atual, que é de 12,4 milhões de Microempreendedores Individuais (MEI) e micro e pequenas



RELISE

65

empresas optantes do Simples Nacional, sistema responsável por reduzir a carga tributária e a burocracia para com os negócios.

Perfil das MPes

De acordo com os dados do SEBRAE (2017), os principais motivos para empreender são distribuídos da seguinte forma, conforme mostra figura 02:

Figura 02 – Principais motivos para empreender



Fonte: SEBRAE (2017)

Observa-se que as motivações para empreender se concentraram em aspectos positivos como experiência e conhecimento (45%), vontade (23%) e oportunidade de mercado (22%). O fator desemprego também é citado, por 7% dos entrevistados, como um motivo para abrir e gerir seu próprio negócio.

Quanto a questão sobre a atuação desses empreendedores antes de abrir o negócio, estes responderam, conforme figura 03, que atuavam como:



RELISE

Figura 03 – Principais atividades antes de empreender

empregado(a) com carteira	53%
empregado(a) sem carteira	11%
empreendedor informal	10%
estudante	7%
microempreendedor individual	5%
outras ocupações diversas	4%
servidor público	4%
dona(o) de casa	2%
desempregado(a)	1%
aposentado(a)	0%
sem resposta	1%

Fonte: SEBRAE (2017)

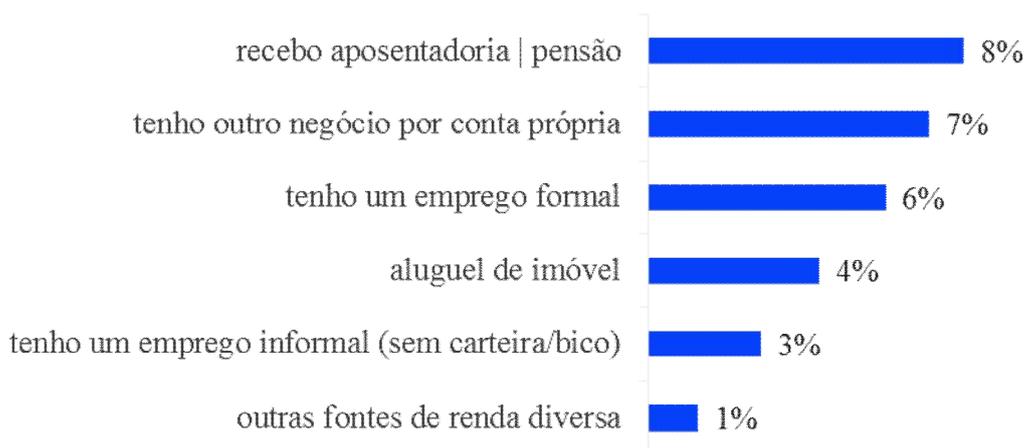
A pesquisa cita que de 7 casos, 10 empreendedores (68%) começaram a vida profissional como funcionário de alguma empresa, o que pode explicar a longevidade e o porte alcançado pelas mesmas. Porém, aproximadamente 1 em cada 4 deles (cerca de 23%) iniciou as atividades por conta própria, sem ser empregado em outra instituição comercial, o que, segundo o SEBRAE, de alguma forma, reflete o sucesso do empreendedorismo no Brasil. Por outro lado, o levantamento conclui que 70% dos casos retratam que o empreendimento é a única fonte de renda, os demais, citam como gerador de renda, segundo figura 04:



RELISE

67

Figura 04 – Principais fontes de renda (além do empreendimento)



Fonte: SEBRAE (2017)

Em relação aos principais motivos para abrir um negócio, estes se concentram em três: ter uma empresa formal (37%), possibilidade de emitir nota fiscal (10%) e ser dono do meu próprio negócio (9%), os demais são, conforme figura 05:



RELISE

68

Figura 05 - Motivos para abrir uma empresa



Fonte: SEBRAE (2017)

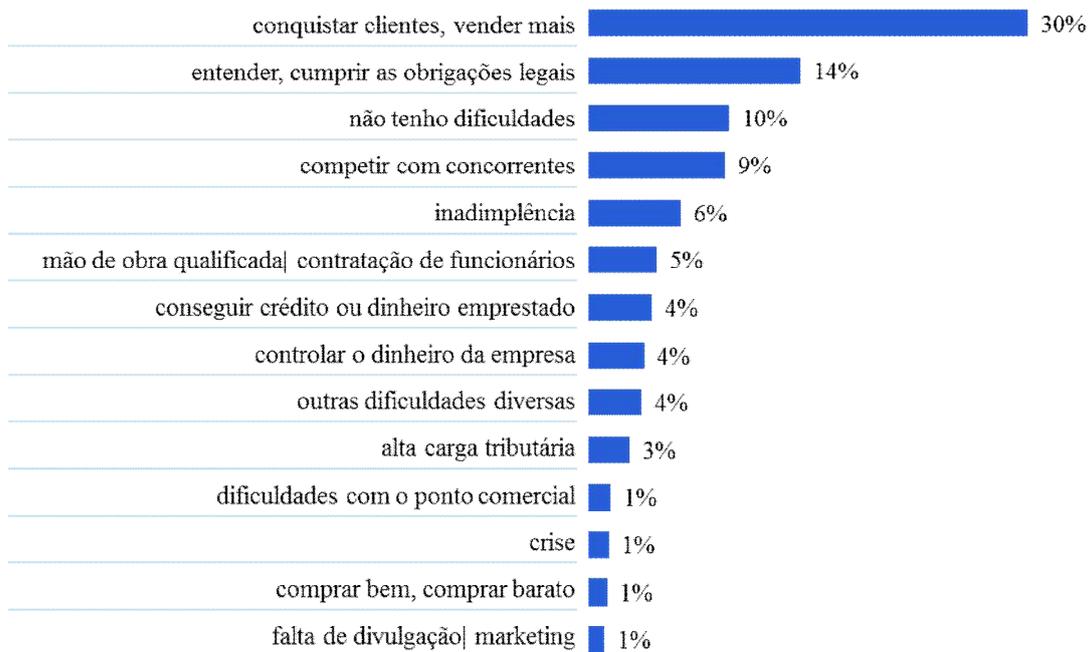
Limitações enfrentadas pelas MPES

A pesquisa do SEBRAE revelou que para 1 em cada 7 empreendedores a maior dificuldade encontrada no dia a dia reside em “entender, cumprir as obrigações legais”. Para os empreendedores, as principais limitações são, de acordo com figura 06:



RELISE

Figura 06 – Principais limitações enfrentadas no dia a dia



Fonte: SEBRAE (2017)

Por outro lado, quando se trata das dificuldades em iniciar e/ou manter as atividades do negócio, a principal causa é dinheiro (36%) e economia (18%). Ou seja, pouco mais de 1 em cada 2 limitantes (54%) citados pelos empreendedores se concentram nestas duas únicas justificativas. A figura 07 mostra os principais tópicos citados por os entrevistados.



RELISE

Figura 07 – Causas limitantes ao início das atividades



Fonte: SEBRAE (2017)

Observa-se então que apesar da vontade de ter e iniciar o negócio, diversos fatores são citados como forma de atingir esse objetivo, o que, ditará se a abertura e manutenção do empreendimento será ou não viável.

Estudos complementares

Em um levantamento realizado por Schindwein (2004), pôde-se revelar as principais dificuldades apontadas pelos empreendedores durante o período de existência da empresa, são elas: falta de capital de giro, 21,52%; concorrência muito forte, 8,86%; problemas financeiros, 15,19%; falta de mão-de-obra, 15,82%; carga tributária elevada, 46,20%; falta de crédito, 17,72%; maus pagadores, 19,62%; falta de clientes, 17,72%; ponto inadequado, 1,27%; outros, 1,27%.



RELISE

71

Os pesquisadores Bonacin, Cunha e Corrêa (2009) realizaram um levantamento sobre o tema, intitulado Mortalidade dos Empreendimentos de Micro e Pequenas Empresas: Causas e Aprendizagem, onde puderam concluir que a causa da mortalidade das MPEs deriva de um conjunto de causas associadas que, somadas, contribuem para este fato, sendo os principais deles: ineficiência e/ou ausência de planejamento prévio, limitações de linhas de crédito, reduzida demanda por seus produtos e serviços e a elevada carga tributária, o que reforça o estudo feito anteriormente por Schlindwein.

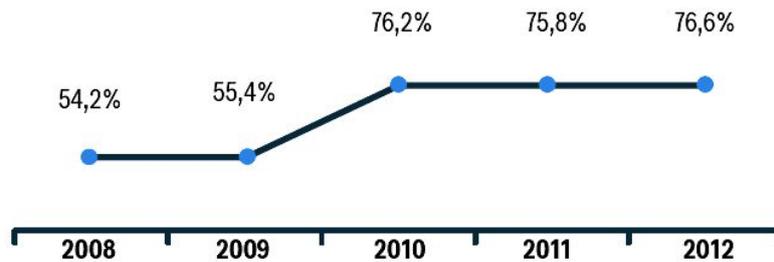
Ademais, de acordo com Teixeira (2012), as principais razões que geram a mortalidade das organizações foram identificadas em seu estudo que revela que fatores como a falta de experiência no ramo que atua, o pouco tempo dedicado ao estudo de viabilidade do negócio, falta de planejamento antes da abertura, dedicação parcial ao negócio, falta de apoio externo na concepção e administração do negócio, estrutura disponível inadequada e impostos/encargos elevados.

Observando as empresas brasileiras constituídas em 2012 e as informações sobre estas empresas disponíveis até 2014, o SEBRAE (2016) discutiu na pesquisa sobre as MPEs a taxa de sobrevivência das empresas com até dois anos de atividade. Segundo o estudo, esta taxa foi de 76,6% (gráfico 01), considerada a maior taxa de sobrevivência de empresas com até dois anos já calculada para as empresas nascidas em todo o período compreendido entre 2008 e 2012.



RELISE

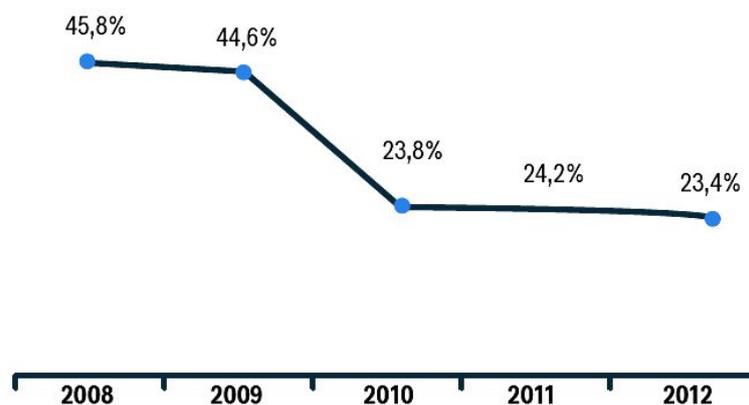
Gráfico 01 – Sobrevivência das MPEs nascidas entre 2008 e 2012.



Fonte: SEBRAE NA, a partir de processamento das bases de dados disponíveis até 2014.

O estudo ainda observou a taxa de mortalidade das empresas iniciadas no período de 2008 a 2012. Considerando a taxa de mortalidade complementar à taxa da sobrevivência, entende-se que esta taxa de mortalidade de MPEs com até dois anos reduziu de 45,8%, nas empresas nascidas em 2008, para um valor de 23,4%, nas empresas oriundas de 2012, conforme exibido no gráfico 02.

Gráfico 02 – Sobrevivência das MPEs nascidas entre 2008 e 2012.



Fonte: SEBRAE NA, a partir de processamento das bases de dados disponíveis até 2014.

Vale ressaltar que entre os anos de 2008 e 2014, o número de Micro Empreendimentos Individuais - MEI aumentou de zero para 4,6 milhões (atingindo o patamar de 6,1 milhões em julho de 2016), sendo, de acordo com



RELISE

73

o SEBRAE, o principal fator que levou ao aumento da taxa média de sobrevivência das empresas no período analisado.

De acordo com o SEBRAE (2016), em seu levantamento acerca da temática, cita-se que, observando as organizações formadas em 2012, a taxa de sobrevivência das empresas com até dois anos (76,6%) foi incentivada pela taxa de sobrevivência do MEI (87%) e das EPP (98%), pela indústria (80%), pela região Sudeste (78%) e pelos segmentos de atividade que ofertam “bens salários”. Além disso, o estudo chama atenção para a distribuição por Unidade Federativa, onde, Alagoas (81%), Rio de Janeiro (80%) e Espírito Santo (80%) foram as UF com melhor desempenho no período. Amazonas (67%), Amapá (68%) e Maranhão (71%) foram as UF com taxas de sobrevivência mais baixas.

No Brasil, existem 6,6 milhões de empreendimentos do tipo MEIs. O Estado de São Paulo possui 1,7 milhão destes negócios (26% do total do País). No caso específico do Estado de São Paulo, por exemplo, a taxa de sobrevivência é de 76,3%. Isto quer dizer que, 1 em cada 5 empresas registradas no CNPJ encerram as atividades antes de completarem 2 anos no mercado. Em relação aos setores de atuação, a maior taxa de sobrevivência é a da indústria (81,4%), seguida da construção (80,5%), comércio (76,3%) e serviços (74,1%).

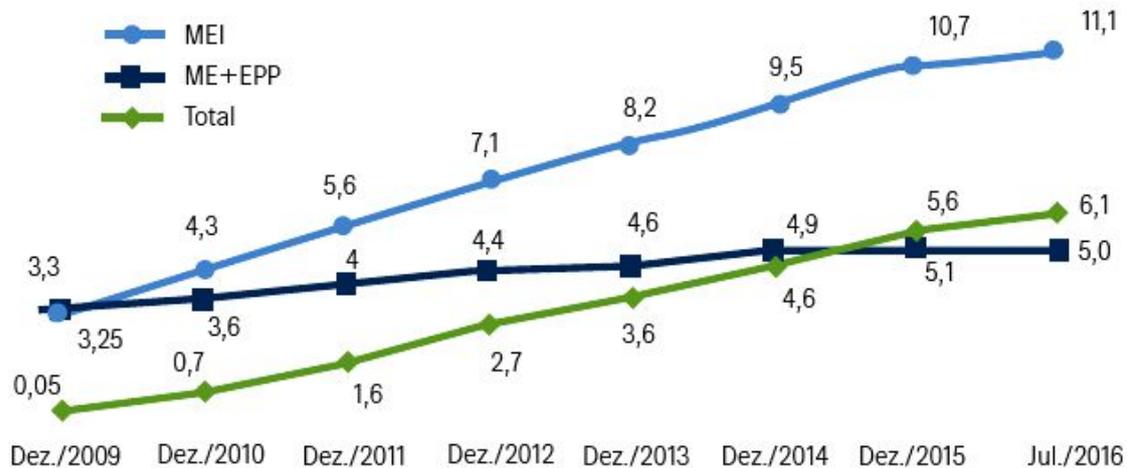
Dados da Receita Federal dispostos em 2016 revelam informações inerentes a constante evolução dos optantes pelo Simples Nacional (em milhões). A Receita Federal considera que o Simples Nacional é um regime compartilhado de arrecadação, cobrança e fiscalização de tributos aplicável às Microempresas e Empresas de Pequeno Porte, previsto na Lei Complementar nº 123, de 14 de dezembro de 2006.

O gráfico 03 mostra este comportamento entre MEI, Médias Empresas (ME) e Empresas de Pequeno Porte (EPP).



RELISE

Gráfico 03 – Aderência ao Simples Nacional.



Fonte: SEBRAE (2016)

Apesar do aumento no registro no sistema do Simples Nacional, vários empreendimentos acabam encerrando as atividades de forma precoce. Diversas dificuldades enfrentadas pelos empreendedores, de acordo com os estudos recentes mostram que estas limitações podem ser encontradas no âmbito da própria gestão administrativa e, em especial, na gestão financeira dos negócios.

Tratando-se da gestão administrativa, pode-se identificar fatores como a ausência de planejamento estratégico na organização, falta de métricas que se comportem como parâmetros para alcance de metas, mal atendimento aos clientes, gestão de estoques precária ou inexistente, etc. Além disso, na gestão financeira, principal atividade que engloba e direciona as atividades fins da empresa, a falta de controle sobre o fluxo de caixa, a descapitalização financeira, a inadimplência, a carência de informações a nível de finanças que ajudem na tomada de decisão são fatores que atrapalham o desenvolvimento da empresa.



RELISE

75

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pôde-se observar, ao longo do presente artigo, que as micro e pequenas empresas no Brasil, apesar de terem um potencial significativo de geração de emprego e de renda do país ainda sofrem impactos de alguns fatores que podem colocar em risco a sobrevivência das mesmas no mercado. Foi analisada, ainda, como a gestão empresarial estratégica pode contribuir para o desenvolvimento da empresa, visando entender e abordar suas forças e fraquezas, oportunidades e ameaças. Pensar sobre sobrevivência e o sucesso das organizações micro e pequenas torna-se desafiador diante do cenário de mortalidade que enfrentam essas organizações.

Por conseguinte, o objetivo deste trabalho foi alcançado ao apresentar, através de uma pesquisa qualitativa e quantitativa, o atual cenário das micro e pequenas empresas (MPEs), a sua importância para o crescimento da economia brasileira e os fatores que influenciam a sobrevivência.

REFERÊNCIAS

AAKER, D. A.; KUMAR, V.; DAY, G. S. **Pesquisa de marketing**. São Paulo: Atlas, 2004.

BONACIM, C. A. G.; CUNHA, J. A. C.; CORRÊA, H. L. Mortalidade dos Empreendimentos de Micro e Pequenas Empresas: Causas e Aprendizagem. **Revista Gestão & Regionalidade** v. 25, nº 74 mai – ago/ 2009.

BORTOLI NETO, A. Tipologia de problemas das pequenas e médias empresas. Dissertação de Mestrado. São Paulo, FEA-USP. 2005.

BRASIL. Lei n. 123, de 14 de dez. 2006. **Instituição do Estatuto Nacional da Microempresa e de Empresa de Pequeno Porte**. Brasília - DF, dez. 2006.

CHIAVENATO, I. **Iniciação à administração geral**. Barueri: Manole, 2009.

COSTA, A. P. N. da; LEANDRO, L. A. de L. **O Atual Cenário Das Micro E Pequenas Empresas No Brasil**. 2016. Disponível em:



RELISE

76

<<https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos16/14924134.pdf>>. Acesso em: 04 jan. 2018.

DENZIN N.; LINCOLN Y. (Eds.). **Handbook of Qualitative Research**. London: Sage Publication Inc. 2000.

DRUCKER, P. **Inovação e espírito empreendedor**. São Paulo: Pioneira, 1992.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GEM. Global Entrepreneurship. Empreendedorismo no Brasil: relatório executivo, 2015.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HUNGER, J. D.; WHEELLEN, T. L. **Gestão Estratégica Princípios e Prática**. 2. ed. Rio de Janeiro: Reichmann& Affonso, 2002.

LOBATO, D. M. **Estratégia de empresas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

MAHAMID, I. Factors affecting contractor's business failure: contractors' perspective. **Engineering, Construction and Architectural Management**, v. 19 n. 3, p. 269-285, 2012.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de Marketing: uma orientação aplicada**. Porto Alegre: Bookman, 2006.

MIGUEL, P. A. C.; FLEURY, A.; MELLO, C. H. P. et al. **Metodologia de Pesquisa em Engenharia de Produção e Gestão de Operações**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

NAKAMURA, M. M. (2000). **Estratégia empresarial para as pequenas e médias empresas: recomendações práticas para empresas industriais do setor metal-mecânico de São Carlos-SP**. Dissertação (Mestrado) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos.

NASCIMENTO, M. *et al.* Fatores determinantes da mortalidade de micro e pequenas empresas da região metropolitana de Florianópolis sob a ótica do



RELISE

77

contador. **Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios**, v. 6, n. 2, p. p. 244-283, 2013.

NOTÍCIA, Agência Sebrae de. **Cresce Participação Dos Pequenos Negócios Na Geração De Empregos.** Disponível em: <<http://revistapegn.globo.com/Empreendedorismo/noticia/2017/09/cresce-participacao-dos-pequenos-negocios-na-geracao-de-empregos.html>>. Acesso em: 02 jan. 2018.

RIBEIRO, A. **Planejamento Estratégico aplicado as MPEs.** Disponível em: [http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/7C465CF397B797D5832576F7005446F8/\\$File/NT00043D4A.pdf](http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/7C465CF397B797D5832576F7005446F8/$File/NT00043D4A.pdf). Acesso em: 02 jan. 2018.

SCHLINDWEIN, C. **Empreendedores, o desafio do próprio negócio.** Uma análise da criação de micro e pequenas empresas. Florianópolis: UFSC, 2004.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS - SEBRAE, Coleção Estudos e Pesquisas: Taxa de sobrevivência das Empresas no Brasil. 2011.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS - SEBRAE - SP. **Pequenos negócios em números.** Disponível em: <<http://www.sebraesp.com.br/index.php/234-uncategorised/institucional/pesquisas-sobre-micro-e-pequenas-empresas-paulistas/micro-e-pequenas-empresas-em-numeros>>. Acesso em: 01 jan. 2018.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação.** Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

TEIXEIRA, G. C. **Referenciais de consultoria SEBRAE**, Brasília: SEBRAE, 2012.